(a)OS PÉS DO PROFESSOR FLORESTAN

MARIZA G.S. PEIRANO
Universidade de Brasília

Os vínculos intelectuais são laços de base afetiva, o que me permite a liberdade de homenagear Florestan Fernandes nesse momento em que sua vida se torna memória, mas seu trabalho sobrevive[1]. Exaltado como sociólogo e recuperado como antropólogo, Florestan tornou-se no Brasil um *instaurador*[2], para usar a feliz expressão do amigo e colega Antonio Candido. Sua influência é reconhecida em várias disciplinas do conjunto que denominamos de ciências sociais, e de uma ampla área de estudos de base humanista.

Mas Florestan Fernandes instaurou, antes, um *ethos* e uma proposta acadêmica; depois, as disciplinas. E porque hoje convivemos com definições relativamente claras, ao olharmos o passado concluímos, talvez com facilidade exagerada, que Florestan Fernandes teria fundido, em determinado momento de sua carreira, todas as vertentes hoje existentes. É preciso, portanto, contextualizar essa visão presentista e examinar seu anacronismo.

No período em que Florestan Fernandes se formou estavam diferenciadas, não as disciplinas, mas *as influências nacionais* — aquelas influências

1. Florestan Fernandes nasceu em 1920 e faleceu em 1995.
2. Candido 1996: 6-8. Refiro o leitor à 'Homenagem a Florestan Fernandes', publicada pela *Revista Brasileira de Ciências Sociais* que inclui, além do artigo de Antonio Candido, uma introdução de Gilberto Velho e contribuições de Roque de Barros Laraia, Maria Arminda do Nascimento Arruda, José de Souza Martins e Octavio Ianni. Após a morte de Florestan Fernandes, o *BIB. Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais* publicou um depoimento do autor concedido, em 1984, à equipe do projeto de pesquisa História da Antropologia no Brasil, coordenado por Mariza Corrêa (Fernandes 1996).

Anuário Antropológico/95
Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996

francesas, anglo-saxãs e alemãs cuja combinação Florestan desenvolveu no processo de provar, aqui e alhures, 'que era capaz'. Como vários depoimentos indicam[3], Florestan queria mostrar sua capacidade e *envergadura*[4], aproveitando as oportunidades que lhe eram oferecidas para 'enfeitar o destino' (como na citação que faz de Thomas Mann; cf. 1996: 9), para estar preparado e socialmente legitimado para mudar de rota quando desejasse. Somos, portanto, herdeiros desse projeto que, de um lado, visava estabelecer os padrões acadêmicos de excelência através de seu próprio exemplo e, de outro, definir a vocação para a ciência. Como explica Antonio Candido: 'Só quando estava saturado de teoria conseguiu chegar à posição de sociólogo empenhado em atuar politicamente segundo um espírito haurido no marxismo' (1996: 8). E como o próprio Florestan confessou, *A Função Social da Guerra na Sociedade Tupinambá* responde a uma tradição de tese que nós absorvemos dos franceses; ele quis ser o primeiro e único, impedindo que seus assistentes reproduzissem seu exemplo. 'Mostrar que era capaz' implicava, então, ir além de Alfred Métraux, mas também de Gilberto Freyre; ultrapassar os limites da universidade então recente, do mundo intelectual restrito, situar-se 'fora e acima das precariedades dos autores da moda e da imitação colonial' (1996: 18).

À tarefa de construir uma genealogia intelectual e preencher as lacunas de formação, além daquela fundamental de construir um viveiro de pesquisadores, Florestan vinculou, naturalmente, a questão imperiosa de delimitar uma disciplina — e foi só então que o 'confronto com a sociedade' se impôs e o levou a privilegiar a sociologia. Ele havia se formado em sociologia e sentia-se ainda um aluno: 'Meu problema era: como é que nós poderíamos definir o objeto e dividir o campo da Sociologia naquele momento' (1996: 15). Dessa perspectiva talvez possamos compreender porque os depoimentos pessoais de Florestan Fernandes demonstram como, por muitos anos, ele não se interessou em diferenciar a sociologia e a antropologia — tal não havia sido uma questão relevante na sua formação. Mas, para nós, que não tivemos que enfrentar a questão da (falta de) legitimidade da ciência social — justamente porque Florestan Fernandes a teria resolvido para as gerações

3. Em 1° de dezembro de 1978, Florestan Fernandes concedeu-me uma entrevista para esclarecer dúvidas a respeito da sua trajetória intelectual. Esse depoimento antecedeu a redação de minha tese de doutorado. Ver também Fernandes 1996; Candido 1996.

4. O último termo é de Florestan Fernandes (1996: 9).

futuras, via sociologia — esta diferença tornou-se candente, tal fato explicando porque, de maneira anacrônica, constantemente impusemos a ele essa questão.

Em suma, a agenda inicial de Florestan incluía as preocupações com a legitimidade do cientista social, com a excelência do padrão sociológico em geral, com a vocação — de trabalho, de liberdade e de auto-realização[5] —; e, desde sempre, com a inserção geral do sociólogo no contexto social brasileiro, tanto intelectual quanto político. Estas problemáticas, antes de se resolverem na consolidação de uma sociologia positiva e compromissada, seguiram, sim, a trilha da abordagem histórica: é nela que Florestan reconhecia não só uma afinidade com a tradição brasileira, mas também onde ele percebia continuidade e solidez, tanto na sua opção pelo tema Tupi (1996: 11) quanto, mais tarde, no inovador estudo das relações raciais. Na concepção *sui generis* de Florestan Fernandes, a história forneceu o vínculo com o Brasil como totalidade, mas ao mesmo tempo serviu como alerta para a inadequação de uma 'Sociologia brasileira'[6]. Uma sociologia 'feita-no-Brasil', sim; uma sociologia 'brasileira', não. (Mas como as disciplinas acadêmicas estão interligadas, a hegemonia da sociologia que Florestan estabeleceu teve influências, diretas e indiretas, na definição de outras disciplinas. Curiosamente, a antropologia que se desenvolveu seguindo os moldes da sociologia *não* teve nos estudos *Tupinambá* sua inspiração: foram os trabalhos sobre relações raciais de Florestan que fizeram nascer a noção de 'fricção interétnica', fazendo da antropologia feita-no-Brasil uma 'costela' da sociologia uspiana[7]. Outro campo de grande influência, aqui negativa, foi o folclore, que fracassou no processo de se constituir em área de estudos

---

5. Fernandes 1996: 8. Florestan relata como rejeitou o emprego na Associação Comercial, com um bom salário, e aceitou o convite para assistente de Fernando de Azevedo: 'Eu estava rejeitando algo gordo em troca de uma preferência, por assim dizer, vocacional. Tratava-se de uma vocação de trabalho, uma vocação de liberdade, de auto-realização.'
6. 'Não se tratava de fazer uma 'Sociologia brasileira', mas de aproveitar estrategicamente os recursos de que dispúnhamos — muito pobres e limitados — na investigação sociológica do Brasil e da América Latina' (Fernandes 1996: 19).
7. Para abordagem aos estudos de 'fricção interétnica', propostos por Roberto Cardoso de Oliveira, ex-aluno de Florestan Fernandes na USP, ver Peirano 1981, 1991. Apenas no final da década de 80 os antropólogos começaram a formar laços de descendência com os *Tupinambá* (Viveiros de Castro 1988).

independente por não atingir o patamar estabelecido pela sociologia de Florestan[8]).

* * *

Como é que você pode deixar uma pessoa perder quatro, cinco anos da sua vida fazendo um trabalho desses [os Tupinambá]? Não é possível. Esse é um tipo de atividade intelectual que era necessária aqui; eu tinha que provar que era capaz de fazer. E ter o prestígio suficiente para depois voltar a rota em outra direção[9].

[A Função Social da Guerra] *é um trabalho um pouco indigesto. Muito rigoroso. Essa preocupação de um trabalho rigoroso, de uma tese muito sólida que projeta o prestígio científico do candidato, isso tudo nunca existiu aqui. Nossa universidade é recente. Não há solidez para isso. Então, dentro do nosso mundo intelectual — eu não vou dizer acadêmico porque seria exagerar —, dentro do nosso mundo intelectual, esse é um trabalho exorbitante. O que explica então que* A Organização Social *só foi útil para mim e* A Função Social da Guerra *acabou sendo um livro que as pessoas acham importante, mas a própria editora que publicou a segunda edição porque acha que o livro é um clássico descobriu que os clássicos não vendem.*

Isso leva à pulverização, ao ponto zero permanente. Porque estamos sempre voltando ao ponto zero, embora estejamos sempre progredindo.

---

8. Ver Vilhena 1995, para excelente estudo do projeto de institucionalização do folclore e as condições que levaram a seu fracasso. A hegemonia da sociologia e os modelos que dela resultaram — as exigências de uma ciência positiva e os debates conceituais (incluindo a proposta de identificação de um 'fato folclórico') — fornecem o nível de exigência que o movimento folclórico *não* conseguiu alcançar. Para um exame dos estudos de Florestan Fernandes sobre o folclore, ver Cavalcanti & Vilhena 1990. Em termos da influência na antropologia, ver a crítica de Florestan Fernandes (1961) aos seus fundamentos teóricos. Seu impacto nas diversas ciências sociais está evidenciado nos depoimentos que compõem a 'Homenagem a Florestan Fernandes', cf. nota 2 anterior.
9. Trechos da entrevista realizada em 1978, cf. nota 3.

Contradição estranha... Há uma preocupação de moda dentro da ciência; com essa preocupação de moda, o que se faz hoje, no dia seguinte não deve ser feito mais. Em vez de uma linha contínua de trabalho, há uma linha de constantes choques. Para aparecer, é preciso fazer uma coisa totalmente diferente. Não só diferente, mas brigando com o que se fez. Como se na ciência as gerações sucessivas não colaborassem. Porque ciência é uma colaboração invisível entre gerações sucessivas.

Por exemplo, livros como Os Sertões, *o livro de Alberto Torres: eles são ensaios. Alberto Torres está entre o ensaio jurídico e a crítica social. Já Euclides está mais entre a ciência natural e a crítica social. Você vê que o ensaio procura exatamente fixar uma crítica da sociedade que é muito rica. Agora, o romance crítico propriamente surge com o romance nordestino da década de 30. Então, veja bem, há uma variedade de formas de consciência. No passado, o conhecimento erudito tomou consciência da realidade através do direito e através da história. No século XX nós temos uma fase de consciência que já é penetrada pela inquietação científica. No Sílvio Romero já há uma ambição de fazer uma análise literária crítica e sociológica; ele próprio escreve livros de sociologia. Alberto Torres e Oliveira Vianna, todos eles já têm outro conhecimento do que é a sociologia. Mas não se desenvolve uma ciência social sistemática. A ciência social surge com um certo atraso em relação a essa problemática: o ensino se introduz na década de 30 e o momento de apogeu só surge em 50. A década de 40 é ainda um período de fermentação.*

* * *

Em 1956, Florestan Fernandes publicou um artigo em que definiu sua posição frente aos estudos que precederam os *Tupinambá*, que hoje se lê como um roteiro para a direção que ele pretendia imprimir à sociologia e, ao mesmo tempo, como uma auto-avaliação de seu trabalho até então. Aqui ele deixa entrever: que o período 'científico' da reflexão sociológica tem

início com a institucionalização das ciências sociais no Brasil nos anos 30; que chegam ao fim tanto a era do ensaísmo sócio-histórico quanto da etnologia pouco teórica de Curt Nimuendaju; que um nível incipiente de realização teórica é alcançado em *A Organização Social dos Tupinambá*, e, mais interpretativo e abstrato, em *A Função Social da Guerra na Sociedade Tupinambá*. Os critérios de rigor científico e teórico estavam estabelecidos.

Certamente não foi apenas a força ilocucionária ou a invocação mágica desse balanço de Florestan que transformou, por várias décadas, a sociologia na ciência social hegemônica por excelência no Brasil. O esforço incansável de Florestan, seu empenho, o compromisso acadêmico e político, e a obra que produziu[10], combinados com a formação de um grupo de ex-alunos em pesquisadores de alta expressão, tudo isso levou ao reconhecimento de uma 'escola paulista de sociologia'.

Essa expressão vingou, embora contestada por Florestan Fernandes. Ele temia o despotismo e o egotismo característicos de um 'chefe de escola'. Mas o fato é que, se Florestan não fez da sociologia uma ciência social necessariamente *positiva* e *científica*, ele certamente consolidou institucionalmente o projeto de uma ciência social de excelência e parâmetros rigorosos, além de intencionalmente transformadora: 'a minha preocupação era procurar pessoas de notório valor, que pensassem de acordo com certos critérios comuns, mas que se realizassem dentro de parâmetros muito variáveis, flexíveis e muito amplos' (1996: 24). Este projeto de Florestan Fernandes 'pegou' socialmente, e ele se tornou, na visão maussiana, o 'mago da sociologia'. Mais: Florestan Fernandes tornou-se um modelo, não apenas de uma certa concepção de cientista social, mas de trajetória intelectual e carreira profissional. Se não exatamente repetido, o padrão é até hoje freqüentemente revivido nos caminhos percorridos por cada sociólogo e antropólogo: de uma socialização universalista — que define a 'ciência' — ao comprometimento particularista — que inclui a vocação política em variados graus —, passando freqüentemente pela questão da 'educação', o

10. Essa obra desdobrou-se dos ensaios sobre temas de folclore para os Tupinambá, deste para as relações raciais, e então para o subdesenvolvimento e a ordem burguesa no Brasil — dando origem ao que se conceberia como 'teoria da dependência'.

processo que leva de um pólo ao outro, que ele inaugurou, tornou-se um padrão de biografia intelectual e profissional no Brasil[11].

* * *

Conheci Florestan Fernandes como professor por duas horas, as duas horas que durou a entrevista que ele me concedeu em 1º de dezembro de 1978. Florestan recebeu-me em uma pequena sala do fundo de sua casa, na rua Nebraska, em São Paulo. Desse encontro guardo na memória o fato de o professor estar vestido de maneira sóbria e cuidadosa, e que calçava sandálias (ou seriam chinelos?) com meias escuras, o que lhe dava um jeito de descontração composta. Hoje, quando me pergunto porque esta recordação ficou-me especialmente gravada na memória, considero que ela revela a hierarquia do nosso encontro: os seus pés sobressaíam no ângulo de visão de quem, no momento, estava preocupada em tomar notas escritas, regular o gravador e ter certeza de que não perderia uma só palavra do mestre. Foram os pés do professor, sua postura e seu ar asceta, e não sua fisionomia, que ficaram marcados no nosso encontro. Um café servido no decorrer da nossa conversa antecedeu uma visita ao fichário do material histórico Tupinambá, guardado em arquivo de inúmeras gavetas que, naturalmente, fez-me ciente de estar frente à evidência, não apenas dos índios Tupinambá, mas, ela própria histórica, dos *Tupinambá* de Florestan Fernandes e dos caminhos pelos quais a ciência social feita no Brasil seguiu.

Ao longo dos últimos quinze anos, reli inúmeras vezes essa entrevista. Ela foi fundamental para que eu compreendesse as condições que levaram Florestan Fernandes a fazer a guinada dos *Tupinambá* para o estudo do negro na sociedade de classes e, com essa decisão, estabelecer, de uma só vez, os parâmetros teóricos e temáticos tanto da sociologia quanto da antropologia que se desenvolveriam no Brasil. Os aspectos políticos, as perspectivas teóricas, o contexto social do 'confronto com a sociedade' — então

11. Este padrão não é, contudo, peculiar ao Brasil: na Índia, por exemplo, depois de uma formação *tradicional* em que demonstram a competência em termos de uma comunidade internacional, os pesquisadores sentem-se mais livres para examinar temas relevantes para a sociedade indiana. Ver Peirano 1992, capítulo 10.

privilégio da sociologia — e mesmo os acasos que o levaram a optar pela decisão de substituir a pesquisa sobre os sírio-líbaneses (que não o inspirava) e a empatia que sentiu pelo problema humano do negro, todos esses aspectos saíram esclarecidos do nosso encontro.

Mas não foi nas respostas às perguntas que então formulei que hoje encontro o professor Florestan Fernandes. Encontro-o, inesperadamente, quando me vejo frente à transcrição daquelas duas horas: é então que percebo sua vocação de professor, como aquele que extrapola e ultrapassa as perguntas mal formuladas, inadequadas ou ingênuas que lhe são feitas em determinado momento e responde como quem responde *ao futuro*. Florestan Fernandes não se restringiu às minhas questões; ele utilizou-as didaticamente como motivo para transmitir e elaborar vários temas, com o claro intuito de esclarecer pontos de que a entrevistadora não se dava conta. Não surpreende, portanto, que meias frases e meias perguntas já fossem suficientes para Florestan construir um argumento intelectual e um problema teórico ou político. E, através de constantes contrastes, estabelecer um quadro de possibilidades a partir do qual sua própria perspectiva se definia.

Se não convivi com Florestan Fernandes, tenho-o encontrado, direta ou indiretamente, nas várias disciplinas e instituições que percorri na minha vida intelectual e profissional. Aqui, vejo esses encontros como evidências da sua enorme influência: primeiro, nos cursos eletivos que fiz durante minha passagem pela arquitetura, oferecidos por professores formados e/ou recomendados por Florestan Fernandes para ensinar na Universidade de Brasília; depois, na Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro, quando os alunos, nos cursos de sociologia e ciência política, comprávamos avidamente suas mais recentes publicações; mais tarde, de novo na UnB, encontrei ex-alunos de Florestan Fernandes no idealizador do programa de mestrado assim como em outros professores; no doutorado no exterior, sua trajetória tornou-se objeto de estudo; e já como profissional, muitas foram as teses que examinei cujos temas estavam relacionados à sua obra e/ou influência[12]. Não considero esses encontros aca-

12. As datas correspondem aos períodos de 1962-4; 1967-70; 1972-5; 1975-80. Para compor o quadro inicial de professores da UnB, Florestan indicou Luiz Pereira, José César Gnaccarini e Perseu Abramo. (O primeiro não se adaptou e retornou a São Paulo). Foi Roberto Cardoso de Oliveira quem deu início ao mestrado de antropologia na UnB. Para as teses mencionadas, ver, especialmente, Vilhena 1995; Veras Soares 1993; Braga 1994.

sos, mas situações etnográficas de vida que confirmam sua presença em várias biografias, passadas, presentes e, já antecipando, futuras. A auto-designação de 'Turma Florestan Fernandes' pelos formandos do Instituto Rio Branco de 1995/96 serve como indício de mais um desdobramento: agora, trata-se de uma nova geração de diplomatas norteados pela procura da excelência, pelo senso de dignidade da pessoa no dever público, jovens que reconhecem o poder interpretativo da ciência social produzida no Brasil e se sentem comprometidos com o projeto de construção de uma sociedade menos injusta, conjunto de preocupações que marcaram a vida pública de Florestan Fernandes.

BIBLIOGRAFIA

ARRUDA, Maria Arminda. 1996. Revisitar Florestan. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, ano 11 (30): 11-15.

BRAGA, Maria Lúcia. 1994. *A Sociologia Pluralista de Roger Bastide*. Dissertação de mestrado. Departamento de Sociologia, Universidade de Brasília.

CANDIDO [MELLO E SOUZA], Antonio. 1996. Um Instaurador. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, ano 11 (30): 6-8.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro & Luís Rodolfo da Paixão VILHENA. 1990. Traçando Fronteiras: Florestan Fernandes e a Marginalização do Folclore. *Estudos Históricos* 3 (5): 75-92. Rio de Janeiro: APDOC.

FERNANDES, Florestan. [1956] 1975. *A Investigação Etnológica no Brasil e Outros Ensaios*. Petrópolis: Vozes (capítulo 4).

______. 1961. A Unidade das Ciências Sociais e a Antropologia. *Anhembi* 44 (132): 453-70.

______. 1996. Esboço de uma Trajetória. *BIB. Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais* 40: 3-25.

IANNI, Octavio. 1996. A Sociologia de Florestan Fernandes. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, ano 11 (30): 23-8.

LARAIA, Roque de Barros. 1996. O Antropólogo. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, ano 11 (30): 9-11.

MARTINS, José de Souza. 1996. Florestan Fernandes: Ciência e Política, uma só Vocação. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, ano 11 (30): 15-22.

PEIRANO, Mariza G.S. 1981. *The Anthropology of Anthropology: The Case of Brazil*. Ph.D. dissertation, Harvard University.

______. 1984. A Antropologia Esquecida de Florestan Fernandes. *Anuário Antropológico/82*: 15-49.

______. 1991. Por um Pluralismo Renovado. In *As assim Chamadas Ciências Sociais* (H. Bomeny & P. Birman, orgs.). Rio de Janeiro: UERJ/Relume Dumará. pp. 43-51.

______. 1992. *Uma Antropologia no Plural. Três Experiências Contemporâneas*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília.

VELHO, Gilberto. 1996. Apresentação. 'Homenagem a Florestan Fernandes'. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, ano 11 (30): 5.

VERAS SOARES, Eliane. 1993. *Florestan Fernandes. O Militante Solitário*. Dissertação de mestrado, Departamento de Sociologia, Universidade de Brasília.

VILHENA, Luís Rodolfo da Paixão. 1995. *Projeto e Missão: O Movimento Folclórico Brasileiro (1947-1964)*. Tese de doutorado, PPGAS/Museu Nacional/UFRJ.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo Batalha. 1988. *Araweté: Os Deuses Canibais*. Rio de Janeiro: Zahar & Anpocs.